

O OUTRO COMO O DUPLO EM *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

RESUMO:

Este trabalho propõe uma breve análise do romance *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro, a partir da interpretação do Outro como um duplo e da problemática gerada por essa condição. Para tanto, partir-se-á de uma breve reflexão sobre a produção social da identidade e da diferença, bem como a presença do duplo no imaginário ocidental. A representação da inter-relação entre os mecanismos de exclusão decorrentes de sistemas classificatórios que operam no meio social e a condição do duplo no cenário distópico do romance resulta na interpelação da ficção ao leitor contemporâneo sobre questões ontológicas e éticas que persistem no imaginário humano.

Palavras-chave: Alteridade; duplo; conflito; distopia.

The Other as a Double in *Never let me go*, by Kazuo Ishiguro

ABSTRACT:

This paper proposes a brief analysis of Kazuo Ishiguro's novel *Do not Leave Me Never*, from the interpretation of the Other as a double and of the problematic generated by this condition. To do so, we will start with a brief reflection on the social production of identity and difference, as well as the presence of the double in the Western imaginary. The representation of the interrelation between the mechanisms of exclusion resulting from classificatory systems that operate in the social environment and the condition of the double in the dystopic scenario of the novel results in the interpellation of the fiction to the contemporary reader on ontological and ethical questions that persist in the human imaginary.

Keywords: Alterity; Double; conflict; dystopia.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). shirleysgcarr@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em “A produção social da identidade e da diferença” (2007, p.76), Tomaz Tadeu da Silva nos alerta para o fato de que a mesmidade e a outridade são criaturas da linguagem, construídas no contexto das relações culturais e sociais. A relação entre os dois conceitos é, pois, de interdependência, mas também de exclusão. Conseqüentemente, gera uma assimetria que se situa no âmbito das relações de poder, cujas marcas se evidenciam não só na demarcação de fronteiras, mas também por meio de oposições binárias e sistemas classificatórios (desenvolvido/primitivo; normal/anormal; bom/mau etc.), que são sempre construídos do ponto de vista da identidade.

Por outro lado, os sistemas simbólicos nos quais as identidades individuais e coletivas se baseiam fornecem possíveis respostas a questões ontológicas, interpelações sobre quem somos e quem desejamos ser (WOODWARD, 2007, p.17). A identidade está intimamente associada à posição do sujeito e às suas formas de representação.

A literatura anglófona contemporânea é pródiga em narrativas ficcionais que tematizam a questão da relação do eu com o outro sob os mais diversos prismas. O Outro assume, assim, características variáveis, mas permanece sempre em posição antagônica: seja como o inimigo, o imigrante, o sujeito pertencente a uma minoria étnica ou a uma classe hegemônica, o misógino, o colonizador, o ditador ou até mesmo a criatura abjeta que se configura como uma imagem negativa do *self*. Ora o Outro é o sujeito oprimido, ora o opressor, dependendo da perspectiva em que é concebido ou percebido.

Este trabalho visa ao exame do romance *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro, em uma perspectiva que associa a alteridade à imagem do duplo. Comumente alinhado à vertente de ficção científica, o romance traz à baila questões sobre os conflitos gerados pelos mecanismos de exclusão social e ética². Para levar a cabo a nossa proposta, partiremos de uma breve retrospectiva sobre a presença do duplo na literatura.

² A Ética pode ser um conjunto de regras, princípios ou maneiras de pensar que guiam, ou chamam a si a autoridade de guiar, as ações de um grupo em particular (moralidade), ou é o

O DUPLO NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL

Segundo França (2009, p. 7), o duplo é qualquer modo de desdobramento do ser. Caracteriza-se como uma extensão do sujeito, no entanto sua condição é de simulacro. “Tem sua origem em um indivíduo, do qual é uma espécie de *mímesis*, mas não possui o mesmo estatuto” (FRANÇA, 2009, p. 8).

Na literatura o tema do duplo existe desde a Antiguidade e é no século XIX, em pleno romantismo, que o mito do duplo, na literatura, atinge seu apogeu. Ele tem sido representado de formas diversas, tais como as *personas*³, as imagens especulares, os sócias, os gêmeos, os *doppelgängers*⁴, as projeções fantasmagóricas ou monstruosas etc. É particularmente recorrente no âmbito da literatura fantástica, como em *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, de Stevenson, *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *Frankenstein*, de Mary Shelley, *O Outro*, de Borges, *William Wilson*, de Edgar Allan Poe, *O homem duplicado*, de Saramago, entre outros.

Conforme aponta Carl Francis Keppler, em *The literature of the second self* (1972), o duplo, como fenômeno de desdobramento do eu, pode ter caráter benéfico, ao revelar ao indivíduo os traços desconhecidos de sua personalidade; ou maléfico, assumindo o caráter de um mau presságio, de uma influência negativa ou de prenúncio de morte, despertando o horror.

Em *La problematique du double* (1995), Yves Pélicier classifica o duplo em seis categorias: o duplo natural (que seria o gêmeo); o duplo como fenômeno físico (que pode ser o eco, a sombra, o espelho); o duplo fabricado (que pode assumir a forma de um retrato, fotografia, silhueta, manequim, máscara); o duplo como criatura (aquele que é fabricado a partir de um outro ser, podendo ser uma aberração ou um monstro); o duplo como transgressão (quando há a migração da alma, uma transferência ou substituição psicológica) e o duplo como transformação (quando ocorre uma metamorfose).

estudo sistemático da argumentação sobre como nós devemos agir (filosofia moral). SINGER P. *Ethics*. Oxford: OUP, 1994, p.4-6.

³ Máscaras que o homem utiliza para representar os papéis sociais.

⁴ Duplo de personalidade oposta que seguiria o seu original, imitando seus gestos e, às vezes, exercendo má influência.

Partindo dessa categorização de Pélicier, consideraremos o clone um “duplo como criatura”, porém com uma peculiaridade: ao invés de se caracterizar como um ser monstruoso, ele apresenta características da material original, o que lhe confere traços de humanidade.

O OUTRO COMO DUPLO EM *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*

Não me abandone jamais, sexto romance de Kazuo Ishiguro, Prêmio Nobel de Literatura de 2017, é uma distopia⁵ que, ao invés de projetar-se no futuro, como é usual, se reporta ao passado. A trama do romance está situada na Inglaterra do final do século XX, onde clones humanos são criados para servirem de doadores de órgãos. Educados em colégios internos, ao atingirem a idade apropriada, os clones podem passar imediatamente à condição de “doadores” ou assumir o papel de “cuidadores”, ou seja, atuando junto àqueles que já se encontram na fase de doação de órgãos para os humanos de fato, os “originais”. Esse percurso continua até que o cuidador passe a ser ele mesmo um doador e se “complete”, ou seja, até que finalmente morra, devido à excessiva retirada dos seus órgãos.

No romance, a narradora, Kathy H., rememora o tempo em que conviveu com Tommy e Ruth no internato de Hailsham. Ela acaba de receber uma notificação de que seu tempo de cuidadora chegara ao fim e que passaria a doadora em um mês. Durante a infância, eles foram educados segundo um rígido código de disciplina, que ia desde a observância de não ultrapassar os limites da propriedade da escola, até as regras de convivência. Todo esse aparato visava a produzir subserviência e padronizar o comportamento. As aulas eram intercaladas com momentos de recreação e a prática da arte. Todos os alunos eram estimulados a desenhar, pintar, esculpir, produzir alguma forma de arte que, se fosse selecionada, passaria a fazer parte de uma galeria, da qual todos ouviam falar, mas ninguém tinha acesso. Eram também submetidos a exames médicos semanais que garantiam que permanecessem com boa saúde.

⁵ Em 1868, o filósofo John Stuart Mill, num discurso no Parlamento, popularizou o termo “distopia” para indicar o oposto da utopia.

O relacionamento entre Kathy, Tommy e Ruth começara na infância. O comportamento quase sempre transgressor do garoto contribuía para que ele, frequentemente, fosse marginalizado pelos outros colegas. Essa condição fora o fator de aproximação entre ele e Kathy. Mais tarde, Ruth se interpõe no que parecia ser um amor nascente, provocando distanciamento entre eles.

No decorrer do relato, percebe-se que, a princípio, o conhecimento que os jovens tinham de sua própria natureza era limitado, mas isso se modifica com a chegada de uma nova guardiã, como eram designados os professores. Miss Lucy se sentia incomodada com o fato de que os alunos de Hailsham sabiam muito pouco sobre o seu destino. A fim de alertá-los para a necessidade de aproveitar intensamente o tempo de que dispõem, ela lhes revela a verdade:

Se vocês querem ter uma vida decente, então é preciso que saibam, e que saibam direitinho. Nenhum de vocês irá para os Estados Unidos, nenhum de vocês será ator de cinema. [...] Suas vidas já foram mapeadas. Vocês se tornarão adultos e, antes de ficarem velhos, antes mesmo de entrarem na meia-idade, começarão a doar órgãos vitais. Foi para isso que todos vocês foram criados. Vocês não são como os atores que vêm nos vídeos, não são nem mesmo como eu. Vocês foram trazidos a este mundo com um fim, e o futuro de vocês, de todos vocês, já está decidido (ISHIGURO, 2005, p.71)

Obviamente, isso é visto como uma transgressão inaceitável e, na sequência, ela é demitida. Entretanto, a sua fala promove uma espécie de despertar nos jovens, que começam a refletir sobre sua natureza e condição. Havia entre os alunos a crença de que as características de sua personalidade tinham sido herdadas geneticamente dos seus “prováveis”, ou seja, dos seus originais. Cientes da brevidade da sua existência, os clones buscavam conhecer a si mesmos e projetar o que lhes resta de futuro a partir das escolhas que seus “prováveis” fariam.

Não estou dizendo que alguém achava, de fato, se, por exemplo, seu modelo fosse um ferroviário, que acabaria fazendo a mesma coisa. Sabíamos que não era assim tão simples. Mas de qualquer modo, todos nós, ainda que em

graus diferentes, acreditávamos que, quando víssemos a pessoa de quem havíamos sido copiados, teríamos uma leve noção de quem éramos lá no fundo e, também, quem sabe, que enxergaríamos parte do que vida nos reservava. (ISHIGURO, 2005, p. 171.)

Entretanto, um aspecto relevante é o fato de que o material genético usado para a criação dos clones advinha de indivíduos marginalizados socialmente, como é possível observar na fala de Ruth: “Todos nós sabemos. Nós somos modelados da escória. Viciados, prostitutas, alcoólatras, vagabundos. Presidiários, quem sabe, desde que não sejam tarados. É daí que a gente vem” (ISHIGURO, 2005, p. 203). Isso se explica pelo fato de que as camadas sociais menos favorecidas eram as que se dispunham a vender material genético para as experiências. Essa certeza sobre sua origem leva alguns dos clones a tentar descobrir quem foi o seu original. Quando, na adolescência, Kathy começara a sentir os hormônios em ebulição, julgou que não era normal e que provavelmente sua original tinha sido uma prostituta, razão pela qual fora flagrada folheando uma revista pornográfica, certa de que, assim, conseguiria encontrá-la. Entretanto, nem todos os clones tinham esse tipo de preocupação. Alguns consideravam que os modelos eram apenas uma necessidade técnica. Entretanto, sempre que um “possível” era identificado, sentiam grande curiosidade:

A ideia básica por trás da teoria dos possíveis era muito simples e não provocava grandes divergências. Segundo ela, como todos nós havíamos sido copiados, em algum momento, de uma pessoa normal, então tinha de existir, para cada um de nós, em algum lugar, um modelo original tocando a sua vida. O que significava, ao menos em tese, que seria possível encontrar essa pessoa de quem fôramos modelados (ISHIGURO, 2005, p.115).

Hailsham era considerado um estabelecimento especial devido ao tratamento e formação dados aos alunos. Essa condição nunca permitira que os clones se vissem de uma forma realmente marginalizada, o que, no entanto, passa a evidenciar-se à medida que começam a interagir com o mundo exterior.

Algumas vezes por ano, Hailsham recebia a visita de “Madame”, uma misteriosa mulher que vinha à escola para selecionar os melhores trabalhos dos alunos e levá-los para a galeria. Ao contrário de todos os outros adultos, ela não interagiu com os alunos, o que os levou a perceber que ela tinha um sentimento diferente em relação a eles:

E ainda hoje posso ver o tremor que Madame parecia tentar reprimir, o pavor real que sentia diante da possibilidade de que alguma de nós roçasse nela sem querer. E, embora tenhamos continuado nosso caminho, todas nós sentimos a mesma coisa; foi como se tivéssemos saído do sol e entrado direto numa sombra gelada. Ruth tinha razão: Madame tinha medo de nós. Mas tinha medo de nós da mesma forma como alguém tem medo de aranha. Não estávamos preparadas para aquilo. Jamais nos passara pela cabeça perguntar-nos como nós mesmas nos sentiríamos sendo vistas daquela forma — como aranhas. (ISHIGURO, 2005, p.36)

Por viverem enclausurados em comunidades e considerando o fato de que, em algum momento, a transferência de um local para outro seria necessária, os clones tinham aulas de como viver no mundo exterior: “[...] uma aula de Iniciação Cultural, durante a qual costumávamos dramatizar as várias funções das pessoas que encontraríamos lá fora – garçons, policiais e assim por diante” (ISHIGURO, 2005, p. 137-138.). Em sua narrativa, Kathy enfatiza a complexidade dessa experiência:

Talvez desde os cinco ou seis anos houvesse um murmúrio no fundo de sua cabeça dizendo: “Um dia, talvez não muito distante, você vai saber qual é a sensação”. E assim é que você já está na expectativa, mesmo que não saiba bem disso. Está à espera do momento de dar-se conta de que de fato é diferente deles; de que existem pessoas lá fora, como Madame, que não odeiam você, nem lhe desejam nenhum mal, mas que ainda assim estremecem só de pensar em você — de lembrar como você veio a este mundo e por quê —, e que sentem pavor diante da simples possibilidade de que sua mão roce a mão deles. É um momento gélido, esse, o da primeira vez em que você se vê através dos olhos de uma pessoa assim. É como passar

diante de um espelho pelo qual passamos todos os dias de nossas vidas e de repente perceber que ele reflete outra coisa, uma coisa estranha e perturbadora (ISHIGURO, 2005, p.37).

Essa sensação de estranheza, de exclusão de si, faz com que os clones tenham de dissimular sua natureza em contato com humanos. Até mesmo em relação ao sexo, que era livremente ensinado em Hailsham, havia a necessidade de não revelar a própria origem:

Miss Emily costumava dar pessoalmente grande parte das aulas sobre sexo [...] ela colocava o esqueleto em várias posições de contorcionista, brandindo o ponteiro de um lado para outro sem o menor constrangimento. Estava nos mostrando, nos mínimos detalhes, como é que se fazia, o que entrava onde e as diversas variações, como se aquilo fosse uma aula de Geografia. De repente, com o esqueleto largado, formando uma pilha obscena de ossos sobre a mesa, ela se virou para nós e começou a dizer que precisávamos ter cuidado sobre com quem fazíamos sexo. Não só pelas doenças, mas também porque, segundo ela, “o sexo afeta as emoções de maneiras que nunca imaginamos”. Precisávamos ter extremo cuidado ao fazer sexo no mundo exterior, sobretudo com pessoas que não eram alunos, porque lá fora o sexo significava tudo quanto é tipo de coisa. Lá fora havia gente até brigando e se matando por causa de quem fazia sexo com quem. E o sexo significava tanto [...] porque as pessoas lá fora eram diferentes de nós: podiam ter filhos, fazendo sexo. Lá fora teríamos de nos comportar como os demais. Tínhamos de respeitar as regras e tratar o sexo como algo muito especial (ISHIGURO, 2005, p.73).

A necessidade de se comportar como os demais equivale a não chamar a atenção sobre si. Por outro lado, isso aponta também para o desejo de experimentar, ainda que brevemente, a sensação de “humanidade”.

Com o passar do tempo, as doações tornam-se a principal preocupação dos clones. Em Hailsham dizia-se que havia duas formas de retardá-las. A mais comum é a adotada por Kathy, que opta por ser “cuidadora”. A outra opção, exclusiva dos alunos de Hailsham, que nunca fora efetivamente provada, era o surgimento de um amor verdadeiro entre um casal de alunos. Entretanto, a

profundidade desse sentimento deveria ser avaliada pela misteriosa benfeitora do internato, Madame, por meio do exame da arte produzida pelos alunos nas aulas, que, teoricamente, revelaria o que havia de mais profundo em suas almas. Esta opção se revela falsa, quando Kathy e Tommy, anos mais tarde, tentam conseguir mais tempo para viverem juntos. A arte produzida pelos alunos de Hailsham era utilizada com o único propósito de provar que os clones tinham alma, como demonstra a passagem a seguir:

Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para provar que vocês tinham uma alma. [...] Demonstramos para o mundo que, quando criados num ambiente humano e culto, os alunos podiam se tornar tão sensíveis e inteligentes quanto qualquer ser humano normal. Antes disso, todos os clones – ou alunos, como nós preferíamos chamá-los – existiam apenas para abastecer a ciência médica. Nos primeiros tempos, logo depois da guerra, isso era tudo que vocês representavam para a grande maioria. Objetos obscuros em tubos de ensaio (ISHIGURO, 2005, p. 209).

Essa condição reificada é também evidenciada por Ruth, quando vai com Kathy e Tommy a Norfolk, na tentativa de encontrar a sua original, e visitam uma galeria de arte e a atendente os toma por estudantes de arte: “Vocês acham que ela teria falado conosco como falou se soubesse o que somos de fato? O que vocês acham que ela teria dito se porventura tivéssemos perguntado: ‘Com licença, mas a senhora acha que a sua amiga algum dia serviu de modelo para um clone?’ ” (ISHIGURO, 2005, p.137).

Cabe a Miss Emily descrever de modo objetivo o que os clones representavam para a sociedade antes da fundação de Hailsham, onde procuravam demonstrar ao mundo que a criação num ambiente humano poderia transformá-los em seres tão sensíveis e inteligentes como qualquer ser humano:

Antes disso, todos os clones — ou alunos, como nós preferíamos chamá-los — existiam apenas para abastecer a ciência médica. Nos primeiros tempos, logo depois da guerra, isso era tudo que vocês representavam para a grande maioria. Objetos obscuros em tubos de ensaio [...]

No final dos anos 70, no auge da nossa influência, montávamos eventos enormes por todo o país [...] ‘Olhem só toda esta arte! Como é que vocês ousam dizer que essas crianças não são inteiramente humanas?’ (ISHIGURO, 2005, p. 209).

Muito embora o romance não explicita o processo de produção dos clones, centrando-se, ao invés disso, na percepção que eles têm de si e no modo como são vistos pelos humanos, a condição de criatura perpassa toda a história narrada. O medo e repugnância que os humanos têm dos clones são relacionados à ideia do *alter ego*, do *doppelgänger*, ou seja, à percepção da existência de um outro eu, ameaçador, por lembrar ao homem quem de fato ele é quando abandona as máscaras sociais. O Outro é, assim, plasmado na forma do duplo, aquele que não deve ser lembrado senão como objeto, ou melhor, que sequer deve ser lembrado, sob pena de trazer à tona questões éticas e morais:

E durante muito tempo as pessoas preferiam acreditar que esses órgãos surgiam do nada ou, no máximo, que cresciam numa espécie de vácuo. Sim, havia debates. Mas até o cidadão comum se preocupar com... com os alunos, até chegar a considerar a forma como vocês eram criados, e se vocês deveriam realmente ser trazidos à luz, bem, até lá já era tarde demais. Não havia como reverter o processo. Como é que você pode pedir a um mundo que passou a olhar o câncer como moléstia curável, como você pode pedir a um mundo desses que recolha essa cura, que volte aos dias de trevas? Não havia mais volta. Por mais desconfortáveis que as pessoas se sentissem a respeito da existência de vocês, a preocupação suprema delas era que filhos, cônjuges, pais e amigos não morressem de câncer, de esclerose amiotrófica, de doenças do coração. Por esse motivo, durante algum tempo vocês foram mantidos nas sombras e as pessoas faziam o possível para não pensar no assunto. Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância. (ISHIGURO, 2005, p. 210).

Para os humanos, o que antes representava uma garantia de imortalidade passa, assim, a ser uma presença incômoda, que traz à tona conflitos éticos não desejados.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao longo dos séculos, a representação do duplo, conforme já dito, assumiu diferentes formatos, que foram classificados por diversos teóricos. Ao recorrermos à categorização proposta por Pélicier, defendemos a ideia de que, no romance analisado, os clones têm as características do 'duplo como criatura'. Muito embora sua aparência não seja ameaçadora ou aterrorizante, os clones são vistos pelos humanos como seres abjetos, por trazerem à superfície questões éticas que jazem ocultas sob as máscaras sociais.

O fechamento de Hailsham evidencia a negativa social de admitir um mínimo traço de humanidade nos seres clonados. Por ser um estabelecimento que adotava uma metodologia diferente de formação dos clones e buscava demonstrar que estes eram dotados de sensibilidade, que tinham alma, aparentemente, Hailsham contrariava a sua finalidade primeira, ou seja, de "celeiro de órgãos saudáveis".

A representação do Outro como o duplo tem uma composição binária, visto que pressupõe oposições tais como humano/pós-humano (concebido aqui como o produto de uma manipulação genética), normal/anormal etc. Entretanto, a ideia subliminar que perpassa o romance é aparentemente oposta, visando a desafiar os binarismos e trazer à baila questões relevantes para o homem contemporâneo, como os limites da utilização da ciência para o prolongamento da vida; limites esses que são de natureza ética.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Júlio. O insólito e seu duplo. In: GARCIA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre (Orgs.). O insólito e seu duplo. RJ: EdUERJ, 2009, p.7-14.

ISHIGURO, Kazuo. *Não me abandone jamais*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KEPPLER, Carl Francis. *The literature of the second self*. Tucson: University of Arizona Press, 1972.

PÉLICIER, Y. La problématique du double. In: TROUBETZKOY, W. (Org.) *La figure du double*. Paris: Didier, 1995.

RANK, Otto. *O duplo*. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

SILVA, Tomaz Ta da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2007.